

I N T E R M E Z Z O

BRITO

ALEXANDRE EULALIO

Nada mais difícil do que falar no amigo que se conheceu demais e do qual conservamos não sei quantas efigies simultâneas, todas expressivas e indispensáveis. Como num filme em que, de repente, as imagens disparam, subindo umas por cima das outras, as lembranças também disputam a precedência, de modo confuso e toldado. É quase impossível escolher qual desses fotogramas valeria a pena revelar, no preto e branco da cópia fosca.

Vinte diferentes Brito Brocas parecem acorrer, mas na verdade se recusam a uma evocação metódica de sua presença. Por isto aceito, como representativa e cheia de significação, certa imagem evanescente com a qual de súbito me encontrei, em sonho, uns tantos meses depois da morte dele. Era no Instituto do Livro, à tarde, mas, como num espelho, a imagem dos objetos ali se refletia às avessas. Estou bem lembrado dos pormenores: as estantes abertas da Seção de Publicações, sabe-se lá porque, encontravam-se por exemplo, do lado onde na verdade ficam o Gabinete do Diretor e a Recepção. Vinha eu do canto onde funciona a Revista do Livro, quando - surpreso mas sem espanto, como é de regra nesses casos - dei com o Brito entre as estantes de metal, mexendo nos livros das prateleiras verdes.

Não é necessário explicar que os leitores impenitentes lotados naquela diretoria do MEC estão, em todos os seus momentos, tratando de penetrar nos atalhos da floresta onde, lado a lado, dão boa sombra enciclopédias, edições críticas, clássicos gregos e latinos, bibliografias, repertórios críticos. Cafarnaum glorioso, os canteiros dessa biblioteca de referência são preciosos: é necessário cultivá-los com o método e o carinho que merecem. É impossível não voltar dali com qualquer descoberta notável, que dará para alimentar o vício durante a próxima semana.

Mas a província dos sonhos tem as suas leis, a sua lógica. A consciência premente de que tudo aquilo era fumaça já se ia dissipando, soprada pelo desejo cada vez mais imperioso de que o encontro inesperado fosse outra vez realidade. Este querer intenso demais por fim acabava vencendo a sensação de irrealidade. Acabávamos por aceitar a geografia diferente das estantes, porque pressentíamos ser necessário prolongar o mais possível a cena que estava tendo lugar. Era preciso fixá-la de uma vez por todas, no curso dos acontecimentos, passado acontecido, a fim de a tornar irreversível, definitiva, impossível de já agora ser cancelada.

Em meio a essa atmosfera obscura de pressentimentos e suposições, achando que tinha de dizer alguma coisa, mas sem saber nem poder escolher as palavras, escapou de mim um desajeitado "Ô Brito, que saudade", que ouvi com espanto e desgosto articulado pela minha própria voz. A frase, que de mal amarrada se mandou (arreganho besta!), absolutamente fora das regras de nossa convivência, deixou este mineiro tão sem graça que Brito meio se riu de lado, franzindo a boca, num jeito dele, a ironia alerta cintilando outra vez no olhar. Completou o

aceno esboçado com um meio gesto da mão esquerda, de quem já estava saindo, e lá se foi pelo corredor, ao longo das estantes, no passo satisfeito de quem ia por conta do próprio artigo, já aramado no estaleiro. E o sonho acabou assim como eu estou contando, sem alegoria nem pírueta.

Essa memória póstuma não entra aqui por mera literatice sentimental: é mais ambiciosa e ingênua. Nas suas linhas tortas vem como que a síntese do amigo, as suas diversas estratificações pessoais. Os livros, o sarcasmo vigilante mas humanizado (tinha horror às expansões), a atenção integralmente voltada para o trabalho dele, que afinal era pesquisa de si mesmo, empenhada e cheia de paixão - o mesmo interesse profundo que irradia a sua literatura está em relação direta com a humanidade do escritor, que transformava a menor coisa que tocava com o seu calor entusiástico.

Dentro do nosso panorama cultural, Brito escolheu esboçar a história, visível e palpável, da vida literária. E vida literária tanto no seu aspecto mais imediato dos usos e costumes das rodas dos escritores, das mesas de café e salões mundanos, como na vertente mais abstrata das modas estéticas, das famílias espirituais, dos modos de ver e de sentir, do indivíduo e do grupo. Para isto, dispunha de formação sólida e do conhecimento minucioso das épocas a que se referia. Junte-se a isso a vivência em profundidade da literatura, que repensava através de suas experiências pessoais nesse domínio, e ainda o bom-senso e o bom-gosto desenvolvidos pelas infinitas horas de leitura, iniciadas ainda antes da adolescência e jamais interrompidas.

A sua vocação profunda de historiador das idéias, da cultura e da mentalidade literárias no Brasil teria sem dúvida que tropeçar na vida atribulada de jornalista profissional, e no autodidatismo que foi regra na geração dele. Nem por isto deixou obra menos decisiva. Esta só poderá ser avaliada na sua verdadeira transcendência quando estiver reunida em volume. Tanto pela variedade, qualidade e abundância, como pela assombrosa pesquisa original que encerra, e ainda pela visão de conjunto, fina e equilibrada, da evolução das nossas letras, constituirá uma autêntica surpresa mesmo para os críticos mais céticos e exigentes.

Trinta anos de um jornalismo que é excelente literatura, essa obra dispersa, mesmo sofrendo severa triagem, não será recolhida por menos de dez volumes. Abrangendo diversos planos, vai da reportagem e da entrevista literária ao levantamento crítico e ao ensaio de interpretação, passando pelas notas de viagem, os comentários de seu *alter ego* Alceste, os escritos sobre literatura francesa, a "marginália" satírica e confessional, os prefácios eruditos ou sarcásticos, as comovidas ramificações. Tudo isto escrito numa linguagem clara e fluente, elegante mas sem pretensões, cheia de vibração, que nos melhores momentos transmite em cheio a admirável personalidade do escritor.

Escrevo isto depois de percorrer detidamente quase duzentos artigos dispersos do escritor, colecionados e classificados no Instituto do Livro, e que consultei por ocasião da I Semana Brito Broca (encerrada ontem) que Guaratinguetá organizou para celebrar o filho notável. Muito longe de ser completo, ainda assim esse arquivo provisório devolveu-me maior a certeza de que o seu lugar em nossa literatura é definitivo.

Esta a razão pela qual ele atravessava, tão seguro e tão calmo, aquele corredor de sonho.

Publicado em O Globo, em 11 de Outubro de 1965.